

COLOCAR-SE NO LUGAR DE OUTRAS PESSOAS: COMO SOMOS TODOS AFECTADOS PELO ESTIGMA DO ABORTO

MÓDULO 4

ÍNDICE

Introdução	1
Actividades à primeira vista	2
4A: Humanizar nossas histórias de aborto	4
4B: O que você faria? Actividade de EVMA	7
4C ESSENCIAL: Sigilo, silêncio e estigma	16
4D: Experiências de estigma do aborto dos homens	20
Recursos-Chave	32
Referências	32

INTRODUÇÃO

Nós estigmatizamos as pessoas, separando ou dividindo-as. Essa divisão cria grupos de “eles/elas” (os/as que nós envergonhamos ou culpamos, por qualquer razão) e “nós” (os/as que vemos como livres de vergonha ou culpa) (Link e Phelan, 2001).

Neste módulo, exploraremos os efeitos do estigma com mais profundidade e nos concentraremos no seu impacto pessoal. O estigma do aborto afecta a confiança, a auto-estima e o bem-estar emocional de uma pessoa e o objectivo deste módulo é dar um rosto humano ao estigma do aborto

Estas actividades visam quebrar a dinâmica “nós vs. eles/elas” e ajudam a construir empatia e maior compreensão em torno de questões sobre o aborto. Os participantes perceberão que todos somos afectados pelo estigma do aborto, incluindo eles. Também verão como o processo de tomada de decisão é complicado para algumas pessoas que procuram o aborto. As actividades ajudarão os participantes a analisar o impacto do estigma no relacionamento das pessoas com seus parceiros, familiares, amigos e colegas de trabalho.

Seus objectivos do Módulo 4 como facilitador

- Apoiar os participantes a perceber que todos somos afectados pelo estigma do aborto, incluindo eles;
- Ajudar os participantes a ver a importância de desenvolver e manifestar empatia pelas pessoas afectadas pelo estigma do aborto.

ACTIVIDADES À PRIMEIRA VISTA

NÚMERO DA ACTIVIDADE	NOME	OBJECTIVO PARA OS PARTICIPANTES	TIPO DE ACTIVIDADE	NÍVEL DA ACTIVIDADE
4A	Humanizar nossas histórias de aborto	<p>Humanizar as pessoas que tiveram abortos</p> <p>Examinar as formas pelas quais o estigma do aborto ocorre em história de aborto de cada pessoa</p> <p>Usar sua própria cultura e/ou valores religiosos para promover o respeito pelas pessoas que tiveram abortos</p>	<p>Assistir dois a três vídeos de mulheres a compartilhar suas próprias histórias de aborto</p> <p>Debate usando 1-2-4-Todos</p>	Introdutório
4B	O que você faria? Actividade de EVMA	<p>Manifestar empatia pelos desafios que as pessoas com gravidezes indesejadas enfrentam em países com diferentes leis</p> <p>Identificar os desafios relacionados com os serviços de aborto seguro em países com diferentes leis</p> <p>Descrever estratégias para facilitar o acesso aos serviços de aborto</p>	<p>Debate em grupo de estudos de caso sobre o estigma do aborto em países com contexto legal diferente</p> <p>Debate usando 1-2-4- Todo</p>	Avançado
4C ESSENCIAL	Sigilo, silêncio e estigma	<p>Identificar as razões pelas quais muitas pessoas não falam sobre seus abortos</p> <p>Compreender o impacto do silêncio sobre o bem-estar emocional</p> <p>Aprender maneiras de quebrar o silêncio em torno do aborto</p>	<p>Reflexão e debate sobre as razões pelas quais as pessoas não falam sobre o aborto</p> <p>Debate em grupos pequenos sobre os efeitos do silêncio</p> <p>1-2-4-Todos; reflectir sobre os papéis que eles podem desempenhar pessoalmente para apoiar mulheres, raparigas e transexuais</p>	Introdutório

NÚMERO DA ACTIVIDADE	NOME	OBJECTIVO PARA OS PARTICIPANTES	TIPO DE ACTIVIDADE	NÍVEL DA ACTIVIDADE
4D	Experiências do estigma do aborto dos homens	<p>Analisar os papéis que os homens desempenham para tornar o estigma do aborto melhor ou pior</p> <p>Compreender como o estigma do aborto afecta e envolve homens</p> <p>Saber como incluir homens nas estratégias de mudança</p>	<p>Debate sobre maneiras diferentes de como o estigma do aborto afecta os homens e como os homens contribuem para o estigma do aborto</p> <p>Pequenos grupos usando personagens para explorar as experiências dos homens</p> <p>1-2-4-Todos</p>	Introdutório

4A: HUMANIZAR NOSSAS HISTÓRIAS DE ABORTO

NOTAS PARA FACILITADORES

Em todo o mundo, estima-se que 56 milhões de abortos ocorrem a cada ano (Guttmacher Institute, 2018). Muitas vezes, as pessoas sentem medo de contar às outras sobre o aborto com receio de serem julgadas ou prejudicadas. Mas pode ser poderoso ouvir a história de aborto duma pessoa. Esse tipo de narrativa pode ajudar-nos a ganhar empatia e compaixão pelas pessoas que tiveram aborto e contrariar a falsa percepção de que o aborto é raro - na verdade, 35 em cada 1 000 mulheres em idade reprodutiva terão um aborto na sua vida (Guttmacher Institute, 2018). Aprofundar nossa compreensão e compaixão em relação à diversidade de pessoas que tiveram abortos ajuda a lutar contra o estigma do aborto.

É comum que nossas crenças sobre o aborto provenham de mensagens que ouvimos na nossa cultura ou religião. Essas mensagens geralmente são profundamente pessoais e podem ter um forte impacto em nossas atitudes e comportamentos. Mas algumas vezes recebemos mensagens contraditórias. Por exemplo, nossa cultura pode ensinar-nos a ser contra o aborto, mas a amar os outros.

Esta actividade muda a conversa sobre o aborto de um diálogo teórico para um diálogo mais experimental e humanizador. Os participantes aprenderão a ter empatia com as pessoas que fizeram aborto e, com sorte, poderão relacionar-se com algumas das suas experiências e histórias. Ao observar pessoas contando suas histórias, podemos começar a reconhecer como o estigma do aborto está presente em cada história. A discussão subsequente levará os participantes a reflectir sobre as mensagens que receberam das suas próprias culturas ou religiões. Eles serão encorajados a usar essas mensagens para promover o respeito pelas pessoas que fizeram aborto.

Esta actividade pode ser usada para facilitar debates a todos os níveis, desde o introdutório ao avançado. Muitos dos vídeos têm legendas em língua inglesa. Para públicos com baixo nível de alfabetização ou grupos que incluam pessoas com menos experiência de leitura em língua inglesa, poderá ser útil ler as legendas em voz alta.

TEMPO:

45 minutos

OBJECTIVOS:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Humanizar as pessoas que fizeram aborto;
- Examinar as formas pelas quais o estigma do aborto ocorre na história de aborto de cada pessoa;

- Usar seus próprios valores culturais e/ou religiosos para promover o respeito pelas pessoas que fizeram aborto

MATERIAIS E PREPARAÇÃO:

- Assista os vídeos da colecção abaixo e escolha dois ou três que funcionem para o seu grupo.

Vídeos em Inglês com legendas:

- o Camarões (3:29)
- o Índia (3:18)
- o Uruguai (3:09)
- o França (3:23)
- o Argentina (6:38)

Vídeos em espanhol (sem legendas):

- o Argentina (duração variada)

Vídeos em inglês (sem legendas):

- o Estados Unidos (1:54)
- o Estados Unidos (1:45)
- Faça download dos vídeos se você souber que não terá acesso a internet de alta qualidade durante o workshop.
- Pergunte se o local do workshop dispõe de um projector—e os cabos de conexão apropriados—que você pode usar para projectar vídeos na parede. Se isso não for possível, garanta que os participantes possam ver o ecrã do seu computador.
- Verifique o som antecipadamente. Poderá ser útil trazer colunas externas para conectá-las ao seu computador.
- Escreva as seguintes perguntas de debate num slide de PowerPoint ou nas folhas do flipchart:
 - o *Que ilações tiraram dos vídeos?*
 - o *Quando é que cada pessoa sentiu o estigma do aborto? Qual foi o seu impacto?*
 - o *Que valores ou ensinamentos existem na sua vossa religião ou cultura que vocês poderiam usar para promover o respeito pelas pessoas que fizeram aborto?*

PASSOS PARA A FACILITAÇÃO:

1. **Introduza a actividade (2 minutos):** *Nesta actividade, vamos assistir a vídeos com pessoas a partilhar suas histórias de aborto. De seguida, debateremos sobre os vídeos em pequenos grupos e depois em grupos maiores. Vocês no-*

tarão que cada pessoa que compartilha sua história sofreu o estigma do aborto durante todo o processo de procura de aborto. Enquanto vocês estiverem a assistir, pensem em como podem relacionar-se com ou ter compaixão pelas pessoas nos vídeos.

2. Vídeos (12 minutos): Reproduza os vídeos para todo o grupo.

3. 1-2-4-Todos. Apresentação em plenária (25 minutos):

- '1' (2 minutos): Peça aos participantes que reflitam, por alguns minutos, sobre as questões do debate
- '2' (4 minutos): Peça a cada pessoa para formar par com outra pessoa e compartilhar seus pensamentos sobre os vídeos.
- '4' (4 minutos): Peça a cada par para se juntar a outro par, debater sobre os vídeos e depois escolher dois pontos para compartilhar com todo o grupo.
- 'Todos' (15 minutos): Reúna o grupo novamente num semi-círculo e peça a um participante de cada grupo para compartilhar dois pontos-chave das suas opiniões.

4. Resumo (6 minutos):

RESUMO DAS PRINCIPAIS MENSAGENS

- Todas as pessoas são merecedoras de compaixão. Mesmo quando discordamos das outras pessoas, podemos reconhecer sua humanidade, não estigmatizando-as por suas decisões.
- Nossos valores culturais e religiosos, muitas vezes, ensinam-nos a amar, respeitar e apoiar outras pessoas. Podemos alargar esses ensinamentos para outros domínios das nossas vidas. Neste caso, podemos escolher amar, respeitar e apoiar as decisões de aborto das pessoas, quer concordemos com elas ou não.

4B: O QUE VOCÊ FARIA? ACTIVIDADE DE EVMA

[Adaptado de *Abortion attitude transformation: A values clarification toolkit for global audiences*, by K.L. Turner and K. Chapman Page, 2011.]

NOTAS PARA FACILITADORES

Muitos países têm condições sociais e legais que limitam o acesso a informações relacionadas à gravidez e ao aborto, bem como aos serviços de saúde. Em alguns países com legislação liberal sobre aborto, o estigma social e outras barreiras continuam a impedir o acesso aos serviços de aborto seguro. Em ambientes legalmente restritivos, as informações e os serviços de aborto seguro são fornecidos de forma clandestina, reforçando o estigma e a desinformação. Compreender as formas como o estigma e o contexto legal operam em conjunto permite-nos defender melhor um maior acesso aos serviços de aborto.

Esta actividade encoraja os participantes a aprofundarem a sua empatia pelas opções e circunstâncias das mulheres, raparigas e transexuais numa variedade de contextos legais. É apropriada para os participantes do mesmo país ou de vários países. Uma vez que as leis mudam, não se menciona nome de nenhum país, mas os países são agrupados em três categorias com base no estatuto legal do aborto em cada país:

- **Completamente proibido**
- **Algumas restrições**
- **Poucas restrições**

TEMPO:

50 minutos

OBJECTIVOS:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Descrever algumas das formas pelas quais o estigma do aborto e o contexto legal interagem;
- Expressar empatia pelos desafios que as mulheres, raparigas e transexuais com gravidezes não planificadas ou indesejadas enfrentam numa variedade de contextos legais;
- Identificar os desafios relacionados com serviços de aborto seguro em países com leis diferentes;
- Descrever estratégias para facilitar o acesso aos serviços de aborto seguro em diferentes contextos legais.

MATERIAIS E PREPARAÇÃO:

- Pesquise o contexto legal do seu país relativamente ao aborto. Certifique-se de ter uma compreensão clara da lei de aborto do seu país. Tenha as informações

disponíveis durante a actividade, caso as pessoas tenham dúvidas. Certifique-se de usar fontes credíveis, como as apresentadas a seguir:

- o *Base de Dados Global de Políticas de Aborto da Organização Mundial da Saúde*
- o *Centro de Direitos Reprodutivos: As leis mundiais sobre o aborto, 2018*
- Escolha que estudos de caso você usará—você precisará de, pelo menos, um para cada cinco participantes. Se você não estiver a usar todos os estudos de caso, certifique-se de incluir, pelo menos, um de cada grupo.

ESTUDOS DE CASO:

MARIA

País: Completamente proibido

Maria tem 11 anos de idade. Ela vive numa pequena cidade com sua mãe viúva e seus dois irmãos mais novos. A mãe da Maria tem dificuldades para trabalhar e cuidar dos seus três filhos e depende muito da ajuda da Maria.

Numa tarde, a caminho da loja da esquina, um homem puxou Maria para um corredor atrás dos prédios e a violou. Maria tinha medo de ser punida por sair de casa sem permissão, por isso não contou a ninguém o sucedido.

Quase dois meses depois, Maria ficou fraca. Ela queixava-se de não se sentir bem. Sua mãe levou-a ao médico. O médico informou que Maria estava grávida e sofria de uma infecção de transmissão sexual.

Embora a infecção pudesse ser curada com antibióticos, o médico disse à mãe da Maria que nenhum médico do país concordaria em interromper a gravidez. "É a vontade de Deus" disse ele. "E ela é uma menina saudável."

SÓNIA

País: Completamente proibido

Sónia é uma mãe solteira pobre. Ela vive com seus pais e filho numa casa tipo dois numa zona suburbana. Ela trabalha longas horas enquanto seus pais cuidam do filho dela.

Seu período menstrual atrasa e ela entra em pânico. Ela teme o pior e fica completamente desesperada. Ela não tem intenção de se casar com o homem que a engravidou. Ela sabe que se seus pais descobrirem, eles a expulsarão de casa. Por causa do seu filho, ela não pode se dar ao luxo de perder o apoio financeiro e emocional que sua mãe lhe proporciona.

Mas ela está com medo de fazer aborto. Ela ouviu de um colega de trabalho sobre uma mulher que procurou tratamento para uma complicação de um aborto ilegal. Um polícia algemou a mulher à sua cama e depois a levou para a cadeia.

SÍLVIA

País: Completamente proibido

No ano passado, Sílvia estava a concluir seus estudos numa universidade. Uma grande amiga dela disse-lhe que estava grávida e planeava fazer um aborto. Na noite seguinte, ela encontrou sua amiga sangrando e inconsciente. Sílvia sentiu que não tinha escolha a não ser levar a amiga ao hospital para tratamento. Ela não tinha ideia de que sua amiga seria hostilizada pela polícia e detida por recorrer a um aborto ilegal. A memória desse evento assombrou-a desde então.

Agora Sílvia vive com a mãe e os irmãos em casa, porque as oportunidades de emprego são muito escassas. Ela começa a namorar um novo namorado e engravida. Ela não quer manter a gravidez, mas depois do que aconteceu com sua amiga, ela tem pavor de fazer um aborto. Não sabe onde obter ajuda.

FÁTIMA

País: Completamente proibido

Fátima tem 14 anos. Quando ela tinha oito anos, sua mãe faleceu. Seu pai a mandou para viver numa aldeia rural com os tios. De acordo com o pai de Fátima, ele a mandou embora para que pudesse continuar a “aprender os deveres duma mulher digna”.

Fátima suportou anos de abuso sexual do seu tio, que a ameaçou para que não contasse a ninguém. Fátima acaba de descobrir que está grávida. Ela não suporta a ideia de carregar o filho do seu tio abusivo. Ela também ouviu falar de mulheres sendo espancadas publicamente por terem filhos fora do casamento. Ela está com medo de ser expulsa da família caso conte a sua tia sobre o abuso.

MARISA

País: Algumas restrições

Marisa, de 33 anos, vive numa pequena aldeia nas montanhas. Ela e o seu marido, Miguel, são agricultores de subsistência. Eles têm dificuldades para sustentar seus cinco filhos, porque dispõem de pouco dinheiro e a economia é pobre.

Marisa e Miguel querem o melhor para seus filhos, mas mal conseguem se alimentar e vestir adequadamente. Eles decidiram não ter mais filhos. Marisa estava a usar um método contraceptivo, mas já não está disponível na clínica da aldeia. Isso significa que ela deve guardar dinheiro suficiente para viajar até a cidade mais próxima para adquiri-lo. Como resultado, ela nem sempre é capaz de usar contraceptivos. Pouco antes da época da colheita, ela descobre que está novamente grávida.

ZAIDA

País: Algumas restrições

Zaida é uma mulher de 30 anos de idade. Ela é uma mãe recentemente solteira e com dois filhos pequenos. Dois meses atrás, Zaida acusou resultado positivo em teste de HIV. Seu marido se recusou a fazer o teste e a abandonou, acusando-a de traí-lo.

Zaida não contou a ninguém sobre seu estado HIV. Ela tem medo do estigma generalizado contra as pessoas que vivem com HIV. Seu marido não prestou nenhum apoio às crianças. A única maneira que ela encontrou para sustentar sua família foi tornar-se trabalhadora de sexo.

Seu único familiar vivo, sua tia mais velha, cuida dos seus filhos enquanto ela trabalha. Zaida acabou de descobrir que está grávida de 10 semanas. Ela acha que não vai conseguir sustentar outro filho. Zaida sente-se abandonada e assustada.

AISSA

País: Algumas restrições

Aissa e o marido têm quatro filhos com menos de seis anos. Dois deles estão gravemente desnutridos e o mais novo sofre de diarreia. Eles vivem numa comunidade que foi devastada pela seca. Existe um centro de saúde numa vila próxima e um hospital distrital a uma hora de distância, mas poucas pessoas conseguem pagar por esses serviços.

Depois de descobrir que está grávida, Aissa precisa desesperadamente de ajuda. Ela sabe que não há como sustentar outra criança. E ela não suportaria ver outra criança sofrer.

LEONOR

País: Algumas restrições

Leonor trabalha como secretária numa grande fábrica. Seu marido, Arone, há quatro anos, era extremamente encantador durante o namoro. Mas ele começou a abusar dela logo depois de se casarem. Eles têm tentado ter filhos desde que se casaram. Arone tornou-se cada vez mais abusivo. Ele critica-a severamente e lhe bate por não ter filhos e começou a estuprá-la.

Arone levou Leonor a vários curandeiros para tratamento de fertilidade. Ele a forçou a tomar algumas ervas, algumas das quais a deixaram gravemente doente.

Leonor tem vindo, lentamente, a ganhar coragem de abandonar o marido. Sua irmã mais velha convidou Leonor para viver com ela. Mais tarde, Leonor descobre que está grávida. Fica assustada. Ela ainda está ferida dos espancamentos e doente por causa das ervas. Ela quer deixar seu marido abusivo, mas ela não pode sustentar um filho sozinha.

ANABELA

País: Algumas restrições

Anabela sonha em se tornar uma médica. Ela se destaca na escolar — na verdade, ela conseguiu a nota máxima da sua turma nos últimos dois anos. Recentemente, o pai de Anabela perdeu o emprego. Ela teve que abandonar a escola porque ele não conseguia mais pagar as propinas escolares.

Ela está destroçada e desesperada por voltar à escola. Ela aceita, com alguma relutância, dormir com um amigo do seu pai, porque ele lhe oferece dinheiro para pagar a escola.

Anabela regressa à escola, mas dentro de algumas semanas ela descobre que está grávida. Ela ouve com uma amiga sobre uma mistura que um curandeiro local vende para acabar com a gravidez, mas ela sabe que isso poderá não ser seguro. Anabela está apavorada. Ela não sabe o que fazer.

ESPERANÇA

País: Algumas restrições

Esperança tem 17 anos. Ela é finalista numa escola secundária Cristã. Ela se destaca nas aulas e é a capitã da equipa de futebol. Ela está a namorar um rapaz na turma dela secretamente porque seus pais desaprovam seu namoro.

Quando seu período menstrual está atrasado por quase três semanas, ela faz um teste de gravidez. O teste confirma os piores receios de Esperança. Ela tem vergonha de contar a alguém que está grávida, especialmente seus pais conservadores.

Enquanto ela navega na internet descobre que a lei do aborto no seu estado requer que um clínico notifique seus pais antes de realizar o aborto, a menos que obtenha a permissão de um juiz.

Esperança receia que seus sonhos para o futuro acabem.

ANGÉLICA

País: Poucas restrições

Angélica e seus três filhos são refugiados. Eles foram forçados a abandonar a sua casa e todos os seus pertences em seu país de origem. O marido da Angélica veio para a capital do seu novo país, há um ano à procura de trabalho. A família finalmente reuniu-se com ele lá.

Antes de Angélica e seus filhos chegarem ao seu novo país, membros da milícia a atacaram e a estupraram. Quando ela chegou, ficou doente. Ela também sofre de terríveis pesadelos. Numa clínica pública, ela descobre que está grávida. Ela também descobre que tem uma doença pélvica causada por uma infecção de transmissão sexual.

Angélica tem pavor de contar ao marido. Ela teme que ele não acredite que foi estuprada e a expulse de casa. Ela também teme que seus abortos anteriores e sua infecção actual impeçam que fique novamente grávida.

HELENA

País: Poucas restrições

Helena é uma jovem animada que recentemente formou-se no instituto de formação de professores numa cidade grande. Ela é a única filha de um casal pobre da zona rural e a única pessoa da sua família a receber educação formal.

Helena está ansiosa para finalmente ganhar dinheiro suficiente para sustentar sua família e talvez trazê-la para a cidade para viver com ela. Ela tem um namorado fixo do instituto. Eles usam contraceptivos. Os períodos de Helena sempre foram irregulares. Quando ela descobre que está grávida, já está com 14 semanas de gravidez.

Helena sente-se desapontada consigo mesma. Ela pergunta-se como isso poderia ter acontecido. Está preocupada, o namorado não casará com ela. Estando grávida e solteira, ela não pode conseguir enfrentar seus pais.

- Escreva estas questões num flipchart:

Imagine que você é a pessoa no seu estudo de caso.

- o *Quando você descobre que está grávida, que pensamentos e imagens passam pela sua cabeça?*
 - o *Que receios você tem?*
 - o *A quem você conta sobre sua gravidez —seu parceiro, seus pais, outros membros da família, ninguém?*
 - o *Que tipo de informação você precisa? Onde é que você procura tal informação?*
 - o *O que você acha que fará com a gravidez?*
 - o *Se você decidir fazer um aborto, quem poderia procurar para fazê-lo? Por que o procuraria?*
 - o *Quais são as consequências físicas e emocionais de se ter um aborto nesse contexto?*
 - o *Como é que você seria afectado pelo estigma do aborto nesse contexto?*
 - o *Como é que você reduziria o estigma do aborto nessa situação?*
- Imprima uma cópia de cada estudo de caso;
 - Organize cadeiras em pequenos grupos de quatro a seis.

PASSOS PARA A FACILITAÇÃO:

1. **Introduza a actividade (4 minutos):** *Em todo o mundo, a gravidez indesejada é uma preocupação importante para a saúde pública e social. A gravidez é indesejada quando uma pessoa não planeia ou deseja engravidar. Mulheres,*

raparigas e transexuais, muitas vezes, enfrentam circunstâncias difíceis quando lidam com gravidezes indesejadas. Esta actividade dar-nos-á a possibilidade de explorar essas circunstâncias e debater o que podemos fazer em tal situação.

- 2. Estudos de caso (3 minutos):** Divida os participantes em grupos de quatro a seis.

Esta actividade nos ajuda a aprender mais sobre o quão difícil pode ser aceder a serviços de aborto em países com diferentes níveis de restrições legais no que concerne ao acesso aos serviços de aborto. Exploraremos como o contexto legal pode afectar a forma como mulheres, raparigas e transexuais lidam com uma gravidez indesejada. Cada grupo receberá um estudo de caso sobre uma pessoa diferente. Seu trabalho é colocar-se nessa situação e, em seguida, pensar em como você poderia se sentir e o que você poderia fazer em seu lugar. Agrupamos os países onde vivem de acordo com o estatuto jurídico do aborto em cada país. Imagine algumas das diferenças e semelhanças entre esses contextos.

- Países onde o aborto é **completamente proibido**
- Países onde o aborto é **disponível com algumas restrições**
- Países onde o aborto é **disponível com poucas restrições**

- 3. Debate sobre estudos de casos (25 minutos):** Dê a cada grupo um estudo de caso. Tente distribuir um bom equilíbrio de estudos de caso das três categorias. Escolha um facilitador do seu grupo que se sinta à vontade para ler em voz alta. Facilitadores: Vosso trabalho é ler em voz alta o vosso estudo de caso e depois as questões colocadas na parede. Em seguida, facilitem um debate em grupo usando as questões. Vocês têm cerca de vinte minutos.
- 4. 2-4-Todos (15 minutos):** Forme par com alguém de um grupo diferente. Discuta o que você aprendeu com o debate do seu estudo de caso. Dê aos participantes alguns minutos. Em seguida, juntem-se a outro par e compartilhem vossas reflexões com eles. Dê aos participantes alguns minutos. Agora todos podem voltar à roda. Peça que cada grupo de quatro pessoas, compartilhe dois pontos com o grupo inteiro sobre como o estigma do aborto se manifesta em um dos contextos legais discutidos e as ideias que tiveram sobre como o estigma do aborto pode ser mitigado nesse contexto.

5. Resumo (3 minutos):

RESUMO DAS PRINCIPAIS MENSAGENS

- As leis e políticas sociais que regem o aborto afectam as escolhas das mulheres, raparigas e transexuais. Elas afectam directamente o acesso aos serviços de aborto seguro versus inseguro.
- Em ambientes restritivos onde o aborto é completamente proibido, as leis e políticas impulsionam e mantêm o estigma do aborto e levam a um aumento de abortos inseguros e danos. (Se possível, inclua um exemplo específico e real da sua preparação).
- Em ambientes mais moderadamente restritivos, o estigma do aborto pode levar a interpretações excessivamente restritivas da lei e a barreiras ao atendimento. (Se possível, inclua um exemplo específico e real da sua preparação).
- Em contextos legais mais liberais, o estigma do aborto também pode conduzir a restrições ao atendimento, apesar do clima legal favorável. (Se possível, inclua um exemplo específico e real da sua preparação).

4C ESSENCIAL: SIGILO, SILÊNCIO E ESTIGMA

NOTAS PARA FACILITADORES

As pessoas que fazem aborto muitas vezes preferem não falar sobre isso: encaram isso como algo privado. Algumas passam por toda a experiência sozinhas porque temem consequências legais ou sociais, incluindo serem julgadas ou tratadas de forma negativa (Shellenberg, Moore, Bankole, Juarez, Omideyi, Palomino et al., 2011).

Mantendo as experiências de aborto em sigilo, as mulheres, raparigas e transexuais protegem-se do estigma e do assédio. Elas também podem ficar caladas com medo de serem incriminadas. Às vezes, o silêncio é efectivamente protector a nível individual. No entanto, o estigma do aborto leva à pressão social de ficar em silêncio sobre o aborto para se manter seguro ou gozar de uma boa reputação junto da comunidade. A nível individual, ficar em silêncio significa que as pessoas que fazem aborto perdem oportunidades de receber apoio e segurança, especialmente de outras pessoas que passaram pela mesma situação. A nível social, o silêncio sobre o aborto alimenta o mito de que o aborto é incomum, feito apenas por “outras” pessoas (Kumar, Hessini e Mitchell, 2009).

Esta actividade explora as razões pelas quais as pessoas podem ser reservadas sobre seus abortos e incita os participantes a considerar como apoiá-las na partilha das suas experiências, se quiserem. Os três dramas mostram os efeitos negativos de manter-se em silêncio em relação ao aborto.

Esta actividade funciona melhor em um grupo que tenha pelo menos alguns membros que sabem ler.

TEMPO:

45 minutos

OBJECTIVOS:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Identificar as razões pelas quais muitas pessoas não falam sobre seus abortos;
- Compreender o impacto que o silêncio pode ter no bem-estar emocional;
- Reconhecer as formas como o silêncio funciona para reforçar e manter o estigma do aborto;
- Saber como quebrar o silêncio em torno do aborto.

MATERIAIS E PREPARAÇÃO:

- Faça uma cópia de cada cenário do drama.

DRAMA Nº1 (5 ACTORES)

Bela tem 18 anos de idade. Ela é estudante de direito na faculdade local. Ela vive com a mãe e três irmãos. Recentemente, ela teve um aborto. Ela apenas conheceu o namorado há alguns meses e sabia que não estava preparada para ter um bebé. Ela não contou ao namorado. Algumas semanas depois, eles separaram-se.

Bela foi à uma clínica do outro lado da cidade para que não encontrasse algum conhecido. Ela não contou a ninguém sobre o aborto e está a ficar cada vez mais retraída. Por vezes, ela fica irritada e grita com seus irmãos mais novos. Normalmente, ela é calma.

A mãe dela está preocupada com ela. Ela tenta perguntar o que se passa.

Sua irmã mais velha sente-se impaciente com Bela porque não passa mais tempo com ela. Elas eram muito amigas.

Seu irmão mais novo sente falta do jeito que Bela costumava brincar com ele. Agora, ela sempre diz que está ocupada.

Sua irmã mais nova viu Bela chorar no seu quarto. Ela sabe que Bela está chateada com alguma coisa.

DRAMA Nº2 (2 ACTORES)

Anita tem trinta e poucos anos. Ela é casada com Samuel há sete anos. Nos últimos três anos, eles têm tentado ter filhos. Anita se sente cansada e triste o tempo todo. Ela questiona-se se um dia vai conseguir engravidar.

Anita continua a pensar sobre o aborto que ela teve quando tinha 15 anos de idade. É algo que ela nunca fala. Ela nunca contou isso a Samuel.

Ela decide contar-lhe, porque quer ir à clínica para se certificar de que o aborto não é a razão pela qual está a ter dificuldades em engravidar.

Samuel é casado com Anita. Ele espera que juntos comecem uma família em breve. Quando Anita fala sobre o aborto que ela teve quando era jovem, ele fica irritado. Ele grita com ela. Ele fica com raiva porque ela nunca lhe contou. Ele também está com raiva porque não defende o aborto. Ele até grita dizendo que talvez tenham sido amaldiçoados por causa do que ela fez.

DRAMA Nº3 (2 ACTORES)

Júlia tem 42 anos. É casada e tem um filho. Actualmente, Júlia está a cuidar da sua mãe doente. Júlia sabe que sua mãe não tem muito tempo para viver. Júlia quer contar sobre o aborto que teve quando tinha 17 anos. Sua mãe tem fortes valores religiosos e Júlia sempre imaginou o que diria.

Quando Júlia tinha 16 anos, a família da sua amiga expulsou a amiga porque ela fez um aborto. Quando Júlia teve seu aborto um ano depois, ela ficou aterrorizada que a mesma coisa lhe pudesse acontecer.

Mas agora que sua mãe está a morrer, ela não quer que haja algum segredo entre elas.

Eva, a mãe da Júlia, está doente. O médico disse-lhe que ela não viveria muito mais tempo. Júlia está a cuidar de Eva em casa. Eva tem pensado muito sobre o passado. Ela tem conversado com Júlia sobre memórias antigas

Júlia diz a Eva que ela quer partilhar algo que aconteceu há muito tempo. Ela conta a Eva sobre o seu aborto. Eva aceita o que aconteceu. Ela sente-se triste porque Júlia nunca lhe contou. Ela também lamenta que sua filha tenha passado pela experiência sozinha. Ela demonstra muito apoio.

PASSOS PARA A FACILITAÇÃO:

- 1. Introduza (3 minutos):** *Nesta actividade, exploraremos algumas das razões pelas quais não falamos sobre o aborto. O estigma do aborto afecta as mulheres, raparigas e transexuais de muitas formas. O medo de ser estigmatizado pode levar ao sigilo, silêncio e à vergonha. Esse silêncio pode levar a sentimentos negativos, assistência tardia e abortos inseguros, que podem ser perigosos e até colocar a vida em risco.*
- 2. Debate em pares (8 minutos):** *Encontre um parceiro e debata esta questão: Quais são algumas das razões pelas quais as pessoas que fizeram aborto podem não contar a ninguém? Dê aos participantes alguns minutos antes de reunir todos. Compartilhe os motivos que você e seu parceiro encontraram. Informe-se se não existirem muitas respostas ou as respostas parecerem pouco claras.*
- 3. Preparação para o drama (8 minutos):** *Divida os participantes em três grupos. Cada grupo terá cinco minutos para desenvolver um pequeno drama baseado no cenário dado. Nem todos estarão no drama, mas os membros do grupo podem ajudar os actores. Dê a cada grupo um cenário para debater. Alguém em cada grupo pode ler o cenário em voz alta? Se ninguém em seu grupo sentir-se confortável na leitura em voz alta, avise e eu ajudarei.*
- 4. Dramas (10 minutos):** *Apresentaremos os dramas um após o outro. Teremos o nosso debate depois do último drama. Quem gostaria de começar? Neste ponto, permita que cada grupo apresente o seu drama.*
- 5. Reflexão (O que, Então e Agora?) (12 minutos):**
 - Pergunte ao grupo: *O que aconteceu nos dramas? Escute respostas de vários participantes.*

- Peça aos participantes para fazerem uma reflexão com um parceiro: *O que aprendemos sobre o silêncio e apresentação dos dramas?* Anote uma resposta de cada par.
- Pergunte ao grupo: *Que papel podemos desempenhar no apoio a pessoas que querem falar sobre suas experiências de aborto?* Anote respostas de vários participantes.

6. Resumo (3 minutos):

RESUMO DAS PRINCIPAIS MENSAGENS

- Não é verdade que as pessoas nunca falam sobre seus abortos. Elas compartilham, decidindo cuidadosamente em quem podem confiar. Elas compartilham para obter apoio e sentir-se perto de pessoas que se preocupam com elas. Mas, por vezes, elas evitam compartilhar para protegerem-se de julgamento e maus tratos. O medo do estigma as mantém em silêncio.
- O silêncio em torno do aborto ajuda a levar o aborto às margens sociais, médicas e legais e perpetua o mito de que o aborto é incomum ou apenas feito por mulheres, raparigas e transexuais “desviantes”. Na verdade, o aborto é muito comum, seja legalmente restrito ou não, entre pessoas de diferentes níveis socio-económicos, etnias e níveis de educação.
- Deve haver espaços mais seguros para mulheres, raparigas e transexuais que tenham feito aborto compartilharem e receberem conselhos e apoio.

4D: EXPERIÊNCIAS DE ESTIGMA DO ABORTO DOS HOMENS

NOTAS PARA FACILITADORES

Ao combater o estigma do aborto, é importante compreender o papel que os homens desempenham. Por vezes, os homens pioram o estigma do aborto. Outras vezes ajudam a mitigar ou a livrar-se dele.

Em muitos países, os homens têm uma quantidade desproporcional de poder político. Esse poder muitas vezes dá aos homens no governo a capacidade de controlar o acesso das mulheres, raparigas e transexuais ao aborto, legislando ou mudando leis. Os homens também podem limitar ou alargar o acesso ao aborto por meio das suas funções como líderes religiosos, autoridades tradicionais, juízes, empregadores, agentes de polícia, profissionais de saúde, esposos e pais. Se queremos aumentar a conscientização sobre a necessidade de serviços de aborto seguros e acessíveis, então devemos incluir os homens no diálogo. Precisamos especialmente alcançar homens em posições de poder.

Durante a facilitação, lembre-se de abordar ambos os lados das experiências de estigma do aborto dos homens. Fale sobre como os homens causam o estigma do aborto, mas também sobre como alguns desviantes positivos rejeitam o estigma do aborto e como podemos incentivar mais destes para combatê-lo. Lembre aos participantes que os homens têm um papel especial a desempenhar para influenciar positivamente outros homens a parar de estigmatizar o aborto.

TEMPO:

1 hora

OBJECTIVOS:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Ver os papéis que os homens desempenham para tornar o estigma do aborto melhor ou pior;
- Compreender como o estigma do aborto afecta e envolve os homens;
- Saber como incluir homens em estratégias de mudança.

MATERIAIS E PREPARAÇÃO:

- Escreva as seguintes mensagens em dois flipcharts e coloque-os na parede:
 - o *Maneiras como o estigma do aborto afecta homens*
 - o *Maneiras como os homens contribuem para o estigma do aborto*
- Faça uma fotocópia dos personagens masculinos abaixo e coloque-os ao redor da sala. Adicionalmente, você pode procurar e recortar fotos de diferentes tipos

de homens, representando uma variedade de empregos e lugares na sociedade, em jornais e revistas encontrados na sua zona.

- Escreva uma breve descrição no verso de cada personagem. Garanta uma mistura de homens. Por exemplo:
 - o Político
 - o Médico
 - o Namorado
- Escreva num flipchart: *Como é que podemos conseguir que os homens ajudem toda gente a entender a necessidade do acesso das mulheres, raparigas e transsexuais ao aborto seguro e legal?*

















PASSOS PARA A FACILITAÇÃO

- 1. Introduza a actividade (2 minutos):** Esta actividade dá-nos a oportunidade de desvendar algumas das formas pelas quais os homens contribuem para o estigma do aborto e explorar como o estigma do aborto afecta os homens. Exploraremos ideias para convidar homens e incluí-los na mudança.
- 2. Chuva de Ideias (10 minutos):** Fale com a pessoa ao seu lado. Um de vocês vai indicar diferentes maneiras pelas quais o estigma do aborto afecta os homens. O outro indicará diferentes maneiras pelas quais os homens contribuem para o estigma do aborto. Dê aos pares cinco minutos para debater. Agora volte para a roda. Vamos ouvir primeiro os que indicaram as diferentes maneiras pelas quais o aborto afecta os homens. Faça alguns comentários. Agora vamos ouvir aqueles que indicaram diferentes maneiras pelas quais os homens contribuem para o estigma do aborto. Verifique a compreensão e clarifique os pontos, conforme necessário.
- 3. Crie personagens (20 minutos):** Agora vamos explorar as experiências de aborto dos homens, criando alguns personagens diferentes. Forme equipas de dois ou três. Com sua equipa, escolham um dos personagens na parede.

Faremos uma série de perguntas. Coloque-se no lugar do seu personagem. Imagine como ele responderia a cada pergunta. Baseie suas respostas em pessoas que você conheceu ou viu antes. Torne-as tão realistas quanto possível.

Leia cada pergunta, dando tempo suficiente para os pares debaterem as respostas:

- o Primeiro, deem um nome ao seu personagem.
- o Agora atribuam-lhe uma idade e decidam sobre a situação da sua família: Com quem ele vive? Ele tem uma parceira? Ele tem filhos? Ele frequentou a escola? Que tipo de trabalho ele faz?
- o Agora vamos ver quais são algumas das atitudes e crenças dele. O que ele pensa sobre mulheres adolescentes que têm um parceiro sexual? E sobre homens adolescentes?
- o Ele acha que os jovens devem ter aulas de educação sexual na escola?
- o Como é que ele se sente sobre a contracepção? Ele acha que deveria estar disponível para pessoas solteiras? É responsabilidade do homem ou da mulher?
- o O que ele pensa sobre o aborto?
- o Ele saberia como obter informações sobre o aborto?
- o Ele já esteve envolvido em qualquer tomada de decisão em torno do aborto? (Pense em diferentes níveis: pessoal, familiar, comunitário, no trabalho, no governo).
- o Ele já foi emocionalmente afectado pelo aborto?
- o Existe algo que poderia mudar as ideias dele sobre o aborto?

- 4. Mistura de personagens (15 minutos):** Agora vamos explorar as experiências

de aborto dos homens, criando alguns personagens diferentes. Forme equipas de dois ou três. Com sua equipa, escolha um dos personagens na parede. Agora tire seu personagem da parede e circule com seu parceiro. Juntos, finjam ser o personagem. Apresentem-se como tal personagem e misturem-se. Contem aos outros sobre o vosso personagem e descubram o dos outros. Faça perguntas para descobrir as diferentes maneiras pelas quais o estigma do aborto afecta os homens e como os homens contribuem para o estigma do aborto. Explore como seu personagem masculino poderia influenciar outros homens a parar de estigmatizar o aborto.

- 5. 1-2-4-Todos. Debate (10 minutos):** Primeiro, reflecta sozinho por alguns minutos e depois, com um parceiro, considere esta questão: O que aprendemos sobre o papel que os homens desempenham no estigma do aborto? Dê aos participantes alguns minutos para reflexão privada e informe-os quando encontrar um parceiro. Depois dê mais alguns minutos: Com o seu parceiro, junte-se a outro par. No novo grupo de quatro pessoas, decidam sobre duas ideias de como envolver os homens para ajudar a todos a entender a necessidade das mulheres, raparigas e transexuais terem acesso a um aborto seguro e legal. Considere incluir pelo menos uma sobre como os homens podem influenciar outros homens. Depois de mais alguns minutos: Compartilhem as vossas ideias em plenária.

- 6. Resumo (3 minutos):**

RESUMO DAS PRINCIPAIS MENSAGENS

- O estigma do aborto afecta os homens de muitas formas: como parceiros de mulheres ou transexuais que fazem abortos, como irmãos e pais solidários e como provedores de saúde.
- Em muitos casos, os homens são os guardiões da sociedade. Os homens frequentemente ocupam posições de influência como políticos, líderes religiosos, empregadores, autoridades tradicionais, juizes e agentes de polícia. Faz sentido direccionar os homens para programas de sensibilização; os homens podem ser aliados e uma influência positiva, especialmente para outros homens.

RECURSOS-CHAVE

Speak my language: Abortion storytelling in eastern Europe from a youth perspective (YouAct)

Abortion attitude transformation: A values clarification toolkit for global audiences (Turner et al, 2011)

Applying theory to practice: CARE's journey piloting social norms measures for gender programming (CARE, 2017)

Representations of abortion in film and television (Innovating Education in Reproductive Health, University of California, San Francisco Bixby Center for Global Reproductive Health)

Cross-country perspectives on gender norms [webinar recording] (ALIGN, 2018)

Women's demand for reproductive control: Understanding and addressing gender barriers (International Center for Research on Women (ICRW))

Global abortion policies database (Organização Mundial da Saúde, 2018)

REFERÊNCIAS

Guttmacher Institute. (2018). *Induced Abortion Worldwide*. Retrieved https://www.guttmacher.org/sites/default/files/factsheet/fb_iaw.pdf

Kumar, A., Hessini, L., & Mitchell, E. M. (2009). Conceptualising abortion stigma. *Culture, Health & Sexuality*, 11(6), 625-639. doi:10.1080/13691050902842741

Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing Stigma. *Annual Review of Sociology*, 27(1), 363-385. doi:10.1146/annurev.soc.27.1.363

Shellenberg, K. M., Moore, A. M., Bankole, A., Juarez, F., Omideyi, A. K., Palomino, N., . . . Tsui, A. O. (2011). Social stigma and disclosure about induced abortion: results from an exploratory study. *Global Public Health*, 6 Suppl 1, S111-125. doi:10.1080/17441692.2011.594072

Turner, K. L., & Chapman Page, K. (2011). *Abortion attitude transformation: A values clarification toolkit for global audiences* (Second ed.). Chapel Hill, NC: Ipas.